

PRÁTICAS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA EM AMBIENTES VIRTUAIS: LIMITES E POTENCIALIDADES

Gustavo André Oliveira¹⁷⁸
Paula Baracat De Grande¹⁷⁹

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo discutir e analisar perfis da rede social Instagram que possuem como foco práticas de divulgação científica (DC). Nesse sentido, de modo específico, buscamos compreender e descrever em que medida características enunciativas-discursivas da DC se alteram conforme os textos que circulam nos perfis interagem com as demandas das novas tecnologias digitais da informação e comunicação (TDICs), bem como de seus respectivos usuários. Para tanto, comendo junto ao projeto “Laboratório Integrado de Letramentos acadêmico-científicos” (LILA), do qual esta pesquisa faz parte, nos restringimos a investigação de perfis direcionados às ciências da linguagem – a saber, a partir de um levantamento prévio realizado durante o semestre inicial do ano de 2025, foram selecionadas duas contas para esta análise, a @prolinguegp e @linguisticamentefono. Pela natureza dessa pesquisa de Iniciação Científica e pelos objetivos almejados, dentre eles a investigação de práticas de divulgação científica na área da linguagem em plataformas digitais, analisando suas características discursivo-enunciativas e multimodais, optamos por uma análise de caráter qualitativo-interpretativista, bibliográfica e documental. Feitas as considerações, em suma, procuramos contribuir para questões que tematizem e privilegiem as práticas de divulgação científica realizadas no campo de linguagens, bem como suas limitações e/ou possibilidades, sob lentes responsivas e éticas.

Cabe considerarmos ainda que, assim como outras práticas languageiras, a divulgação científica também possui sua história e, diante disso, suas particularidades, o que contribuiu e contribui para diferentes abordagens e elaborações sobre seus significados. Portanto, na medida em que o entendimento sobre DC se espraia e passa a receber acepções teóricas variadas conforme demandas socialmente pactuadas ocorre, concomitantemente, de modo positivo ou não, uma gama de indefinições e confusões em relação ao termo e suas abrangências (Grillo, 2013; Braz e Cristóvão, 2023; Ueda, Barros e Cristóvão, 2025). Ainda sobre essa questão, na abertura de seu artigo que mapeia as produções em DC no Brasil e Portugal, temos nas palavras de Cristóvão *et. al* (2023) a seguinte reflexão:

A divulgação científica (DC) como evento discursivo em prol dessa formação cidadã sobre a qual nos propõe Grillo (2013), em nossa epígrafe, tem tido um histórico variado que afeta também sua definição. Grillo *et al.* (2016), pesquisadoras brasileiras da área da Linguística, organizaram um

¹⁷⁸ Licenciando em Letras Português pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Bolsista de Iniciação Científica pelo CNPq, projeto “Laboratório Integrado de Letramentos acadêmico-científicos (LILA): compreensão e produção textual na educação superior”, número 13129, orientado pela Profa. Dra. Vera Lúcia Lopes Cristóvão. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6252-0106>. E-mail: gustavo.andre.zanggy@gmail.com.

¹⁷⁹ Professora Adjunta da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Pesquisadora do Laboratório Integrado de Letramentos acadêmico-científicos (LILA). Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-7570-0906>; E-mail: pauladegrande@uel.br

volume sobre divulgação/popularização da ciência, trazendo diferentes perspectivas conceituais de DC: reformulação ou tradução do discurso científico; gênero discursivo; atividade de recontextualização; encenação midiática; e modalidade de relação dialógica (Cristóvão et. al, 2023, p. 285).

Nesse sentido, mais uma vez, percebemos que, ao longo de seu percurso histórico de formação, que remonta, segundo Rojo (2008), ao enciclopedismo, a DC refletiu e refratou em momentos diversos diferentes perspectivas, ganhando posições ora menos ora mais prestigiadas. Assim, nossa proposta, neste e em outros trabalhos desenvolvidos (De Grande e Oliveira, 2025), considera o tempo histórico atual como crucial para se entender os próximos passos a serem dados rumo a uma compreensão mais assertiva sobre o trabalho com (e em) DC. Para tanto, na seção subsequente, buscamos delinear nossas bases teóricas e entendimentos sobre assunto enquanto, paralelamente, analisamos casos concretos de DC nas redes.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Na esteira do que propuseram Albagli (1996), Grillo (2013) e Cristóvão et. al (2023), escolhemos partir da definição de divulgação científica que a compreende enquanto um campo no qual concorrem diferentes noções de ciência e que, em razão disso, carrega em sua natureza uma perspectiva social e interativa da linguagem. Assim sendo, enquanto prática, as ações de divulgação científica objetivam dar a conhecer ao grande público determinados conhecimentos científicos e, para isso, retextualizam e recontextualizam textos científicos visando, assim, um diálogo democrático e formador¹⁸⁰. Para a concretização de tal propósito, os textos de DC passam pelo crivo da didatização e reformulação, elementos fundamentais para a popularização dos produtos científicos feitos na esfera acadêmica, retomando assim laços com um dos pilares da universidade: a sociedade em geral.

Na contemporaneidade, as práticas de DC também migraram, em parte, para as novas redes digitais. A princípio, convém notarmos como as tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs), sobretudo após o período pandêmico, passaram a estreitar laços com o cotidiano da população¹⁸¹. Com elas, a ascensão de novos formatos e plataformas informacionais passou a impactar diretamente a maneira como os sujeitos consomem, produzem e compartilham informações, demandando, por consequência, que a divulgação científica e outras formas de se veicular conhecimento se adaptassem para alcançar e dialogar com a

¹⁸⁰ Não confundir com Jornalismo Científico (JC). Apesar de ambos, DC e JC, constituírem o universo de estratégias de Popularização da Ciência (PC), as propostas divergem em seus aspectos discursivos e estilísticos, visto que, apesar de algumas semelhanças, em geral, possuem intenções comunicativas diferentes. Para pormenores sobre essa discussão cf. Rojo (2008); Braz e Cristóvão (2023); Ueda, Barros e Cristóvão (2025)

¹⁸¹ O período pós-pandêmico no Brasil foi marcado por um avanço significativo na conectividade domiciliar, com um aumento expressivo no número de lares com acesso à internet. Nesse novo contexto, a internet passa a ser também uma fonte de trabalho, informação e formação, para além do fins de entretenimento. Dados das séries anuais de 2019 a 2024 da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD Contínua), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), constataam a intensificação desse processo. Em 2024, o Brasil contava com 74,9 milhões de domicílio com internet.

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/44031-internet-t-chega-a-74-9-milhoes-de-domicilios-do-pais-em-2024> Acesso em 31/07/2025

sociedade, entendendo que os usos da língua são sempre sócio-historicamente situados (Volochinov, 2021).

Nessa profusão de novos modos e meios de acesso impera também uma lógica nova de organização das estruturas: a das redes, que demandam uma análise cuidadosa sobre as produções e circulação dos enunciados no âmbito do virtual. Isso considerando que esses textos são atravessados por uma cultura própria, a cibercultura, conforme nos demonstra Santaella (2007). A *cibercultura*, por natureza, demanda produtos que, em essência, sejam híbridos. Em outras palavras, requer sistemas complexos que tendam a interseccionar diferentes tipos de linguagens e mídias, propondo novas organizações para os diferentes modos semióticos, redefinindo não só as formas de se relacionar com conteúdos, como também a própria sensibilidade dos sujeitos e suas práticas e valores culturais durante a utilização – por essa razão novos conceitos são propostos pela academia para tentar explicar o fenômeno de imbricação da vida com (nas) novas mídias (Bolter, 2000; Santaella, 2007; Komesu, 2019; De Grande e Oliveira, 2025).

Tendo em conta todas as implicações oriundas desse *lôcus*, bem como suas repercussões nos meios e modos de se fazer divulgação científica, nos propusemos a examinar brevemente dois perfis de DC. Para a análise, além de todos fundamentos teóricos mencionados até agora, nos baseamos também numa perspectiva sócio-histórica e cultural dos fenômenos enunciativos, tal qual propuseram Street (1984) e Kleiman (1995) nos estudos sobre letramentos. Na mesma linha, privilegiamos também os textos em sua materialidade e contexto, numa concepção dialógica de linguagem, assim como teorizaram os pensadores do Círculo de Bakhtin (Volochinov, 2021).

2 Resultados e discussão

No quadro abaixo descrevemos preliminarmente algumas informações sobre os perfis analisados, para a elaboração de parte das categorias nos baseamos em Cristóvão *et. al* (2023):

Quadro 1: descrição dos perfis

Identificação	Institucionalidade	Formato	Direcionamento	Atividade
@linguisticame n tefono	Não institucional	Carrossel e reels	Conteúdo direcionado	O ¹⁸²
@prolinguegp	Institucional	Carrossel	Conteúdo direcionado	O

Fonte: os autores

Com relação a descrição dos perfis, buscamos inicialmente abordar o critério *institucionalidade*, visto que, em pesquisas realizadas recentemente por nós, partindo do levantamento feito por Cristóvão *et. al* (2023), observamos que o fator de ser ou não institucional impacta diretamente em outros critérios de estruturação dos perfis de DC, como por exemplo o formato, a manutenção das atividades, entre outros aspectos – também por essa razão escolhemos perfis em ambas as modalidades, institucional e não institucional, para compor esta análise, visando,

¹⁸² Por uma questão visual optamos por manter os perfis ativos identificados com o caractere “O” em um fundo com preenchimento verde.

assim, propiciar uma compreensão mais ampla e acertada do problema.

Já no tocante a categoria *formato*, cujo interesse nos aparece de forma acentuada, notamos que ambos os perfis convergem quanto a utilização de carrosséis¹⁸³. Isso se justifica, ao que tudo indica, pois na configuração carrossel postagens em geral ganham mais alcance, isso se deve sobretudo a possibilidade de agrupar em uma única publicação diferentes informações combinando e separando conteúdos conforme vontades particulares dos divulgadores e de seus usuários pretendidos (Rojo, 2013). Soma-se a isso, conseqüentemente, um maior engajamento e alcance das publicações, correspondendo a uma demanda intrínseca das redes e da lógica da *cibercultura*: a questão algorítmica (Santaella, 2007). Chamamos a atenção para como ambos os perfis manipulam essa disposição das informações para realizar um material autêntico de divulgação científica, servindo-se de estratégias multimodais para a sua “tradução”, adaptação e didatização do conhecimento científico (Grillo, 2013; Rojo, 2013; Cristóvão *et. al*, 2023). Ainda sobre o formato, vale destacar que, dos perfis analisados, observamos uma maior padronização no perfil institucional, em síntese seu design é “limpo”, seguido uma identidade visual do grupo de pesquisa, com paletas de cores e ilustrações padronizadas. A isso contrastamos o segundo perfil analisado, no qual impera uma maior liberdade no design, conferindo a conta marcas de autoria, revelando que se trata de um perfil independente, por isso, no lugar de uma padronização/impessoalidade, opta por revelar a pesquisadora nos bastidores do trabalho – por isso, talvez, a divulgadora opte também por utilizar os *reels*. Na categoria subsequente, *direcionamento*, objetivamos entender de que modo os perfis direcionam seu centro de atenções para determinado tema. Em síntese, constatamos que um e outro se debruçam sobre questões da grande área das ciências da linguagem – vale mencionar que o perfil não institucional, por sua própria natureza pessoal, também exhibe informações particulares da vida da divulgadora para além de suas funções. Por fim, com relação à atividade, concluímos que os perfis permanecem ativos e com postagens frequentes – tal constatação diverge do que encontramos em pesquisas recentes, isto é, no caso analisado neste texto, os perfis, mesmo com mais de três anos de atividade, continuam regularmente em atividade¹⁸⁴.

CONCLUSÃO

Em conclusão, ao investigarmos as práticas contemporâneas de divulgação científica em ambientes virtuais, confirmou-se a hipótese de que o ecossistema das TDICs, imbricado pela cibercultura, têm expandido a noção de DC para além de seus modelos mais tradicionais. Essa constatação foi possível somente através da análise dos perfis @prolinguep e @linguisticamentefono. Nossa busca revelou estratégias distintas, porém complementares, de apropriação dos gêneros de discurso e das lógicas interativas das redes sociais pelas duas contas para a

¹⁸³ Do inglês “carousel posts”, é definido pela própria plataforma como uma opção de compartilhamento na qual é possível anexar uma maior quantidade de fotos e vídeos numa única publicação. Como compartilhar uma publicação com várias fotos ou vídeos no Instagram. <https://help.instagram.com/269314186824048?helpref=search&sr=1&query=carousel> Acesso em 31/07/2025

¹⁸⁴ Destacamos ainda como os perfis, apesar das diferenças, possuem um engajamento semelhante quanto ao número de likes, numa investigação futura poderíamos comparar estratégias através da métrica de acessos e interações.

popularização do conhecimento, como é o caso, por exemplo, dos carrosséis – poderíamos também nos questionar, olhando para o outro lado da moeda, como a lógica das redes afeta o âmbito da recepção dos conteúdos por parte dos usuários, inquietação recorrente durante nossas discussões. Assim, em linhas gerais, acreditamos que o estudo das potencialidades da DC em ambientes digitais torna-se, cada vez mais, essencial para que a esfera acadêmica como um todo possa aprimorar seu olhar estratégico e firmar laços com uma sociedade cada vez mais conectada: podendo, assim, paralelamente, responder questões como "Onde estão os Linguistas na Divulgação Científica Brasileira?" (Sampaio, 2018).

REFERÊNCIAS

ALBAGLI, Sarita. Divulgação científica: informação científica para cidadania.

Ciência da Informação, v. 25, n. 3, p. 396-404, 1996. Disponível em:

<https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/639>. Acesso em: 1 ago. 2025.

BRAZ, Bruna Oliveira; CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes. Análise de produções textuais multimodais de divulgação científica das ciências da linguagem.

Entrepalavras, [S.L.], v. 13, n. 2, p. 111, 24 out. 2023. Universidade Federal do Ceará (UFC). <http://dx.doi.org/10.22168/2237-6321-22664>.

BOLTER, J. D. Remediation and the desire for immediacy. **Convergence**, v. 6, n. 1, p. 62-71, 2000.

CRISTÓVÃO, V. L. L. .; FERREIRA, L. M. L. .; CARDOSO, I.; PEREIRA, L. Álvares .; AMBRÓSIO, S. Uma cartografia da divulgação científica em Ciências da Linguagem no Brasil e em Portugal. **Diacrítica**, [S. I.], v. 37, n. 1, p. 284–309, 2023. DOI: 10.21814/diacritica.5400. Disponível em:

<https://revistas.uminho.pt/index.php/diacritica/article/view/5400>. Acesso em: 1 ago. 2025.

DE GRANDE, P. B.; OLIVEIRA, G. A. Novos desafios em se fazer Divulgação Científica na contemporaneidade. **PROLÍNGUA**, [S. I.], v. 19, n. 2, p. 1–7, 2025.

DOI: 10.22478/ufpb.1983-9979.2024v19n2.72447. Disponível em:

<https://periodicos.ufpb.br/index.php/prolingua/article/view/72447>. Acesso em: 1 ago. 2025.

KLEIMAN, A. B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, A. B. (Org.) Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995. p. 15-61.

KOMESU, F.; COSTA, J. R. P. da; CIÊNCIA, A. C. B.; SILVA, C. da. Covid-19 e desinformação: notas sobre o serviço brasileiro “Saúde sem Fake News” e seu leitor. **Revista Investigações**, Recife, v. 35, n. 2, p. 1 - 28, 2022.

ROJO, R. H. R. A teoria dos gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin e os multiletramentos. In: ROJO, R. (Org.). **Escol@ conect@d@**: os multiletramentos e as TICs. São Paulo: Parábola Editorial. 2013

SAMPAIO, T. O. da M. Onde estão os Linguistas na Divulgação Científica Brasileira? **Revista do Edicc**, v. 5, n. 1, out. 2018.



SANTAELLA, L. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

STREET, B. V. 1984. **Literacy in Theory and Practice**. Cambridge, MA.: Cambridge University Press, 1984.